



A antropologia urbana como ferramenta para construção de um relato jornalístico sobre os jovens homossexuais que frequentam o Coreto Circular na Praça da República, em Belém do Pará¹

Elias do Carmo SANTOS²

Universidade da Amazônia, Belém, PA

Resumo

Este texto surgiu das inquietações ocorridas durante a realização de um projeto experimental realizado no ano 2010 e apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. O trabalho citado analisa as relações identitárias e as práticas de sociabilidade do grupo homossexual que frequenta o Coreto Circular, em Belém do Pará. A observação in loco, utilização de métodos da antropologia urbana e o exercício da alteridade, resultou em uma reportagem em que, se utilizando do gênero jornalismo literário, foi possível transcrever perfis, emoções, informações e as formas de apropriação e uso do espaço público pelos jovens homossexuais que frequentam o lugar. Esta reportagem trouxe a tona um modo de investigação jornalística que anda lado a lado com a etnografia urbana.

Palavras-chave

Jornalismo Literário; Praça da República; Homossexualidade; Antropologia Urbana.

Introdução

Após a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O crepúsculo dominical na Praça da República. Um ensaio etnográfico sobre os jovens homossexuais que frequentam o Coreto Circular”, que culminou na reportagem “À sombra das mangueiras. Durante o crepúsculo dominical jovens se reúnem no Coreto Circular da Praça da República, em Belém, para práticas homoafetivas” (ver apêndice), surgiram alguns questionamentos sobre a os modos de investigação e produção jornalística. A percepção de que a contribuição da antropologia e seus métodos de observação e ato etnográfico proporcionam a produção de um rico material informacional, principalmente se aliada ao gênero Jornalismo Literário, foi o propulsor para construção deste material. Neste artigo esta apresentada a síntese dos caminhos percorridos para

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo, do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 1 a 3 de junho de 2011.

² Graduado em Comunicação Social – Jornalismo (2010) pela Universidade da Amazônia (Unama), e-mail: eliassantos1001@gmail.com.



elaboração da reportagem e uma análise objetiva das contribuições de outras áreas, que não a da comunicação, para o exercício jornalístico. Contudo, é necessário entendermos como se deu a elaboração da reportagem e do material que subsidiou a apresentação desta como produto de um TCC.

Utilizamos os conceitos da antropologia para que a análise do grupo estudado fosse ainda mais profunda. Para isso, François Laplantine (2007) em *Aprender Antropologia*, apresenta-nos alguns conceitos para entendermos a antropologia e o processo etnográfico. Para ele, a etnografia torna a antropologia uma atividade ao ar livre, levada, como diz Malinowsk (apud LAPLANTINE, 2007. p.84), “ao vivo”, em uma “natureza imensa, virgem e aberta”. Assim, o próprio pesquisador deve efetuar no campo a sua pesquisa e que este trabalho de observação direta é parte integrante da mesma. Para Malinowsk (apud LAPLANTINE, 2007), determinada sociedade pode ser dada em si mesma, é justamente isto que permite a viabilidade desta para os que a ela pertencem, observando-a no presente por meio da interação dos aspectos que a constituem. Laplantine (2007) afirma que os grupos culturais possuem sua própria e única história, desta forma é mais relevante esclarecer processos “diante de nossos olhos” ao invés de tentar estabelecer leis que possam reger a civilização (como faziam o evolucionismo e o difusionismo).

Na realização do projeto experimental foram necessários nove meses de observação, sempre aos domingos, na Praça da República, localizada em Belém do Pará. A equipe, composta de 03 participantes frequentou este espaço no período compreendido entre 18h00min e 21h45min, horário este em que foi observada a presença de homossexuais jovens concentrados em um determinado *pedaço*. Magnani (2007) apresenta conceitos que são importantes dentro do campo das pesquisas etnográficas, pois são a base para os estudos da relação entre os jovens e o uso do espaço. O autor tem por objetivo dar novos caminhos para a compreensão das formas de sociabilidade que encontramos no dia-a-dia das mega-cidades, onde diferentes grupos de jovens se encontram, possibilitando trocas de diferentes formas.

Alguns conceitos são fundamentais na elaboração de uma etnografia urbana. Magnani (2007) propõe novas noções para a antropologia urbana, a fim de elaborar experiências e dinâmicas culturais não esclarecidas a partir de dispositivos analíticos. Para o autor, surgem ao lado de *pedaço*, as *manchas*, os *trajetos* e os *circuitos*. Estas, são ferramentas



que instigam a pesquisa e a reflexão dando conta das múltiplas apropriações diferenciais do espaço urbano, em que os lugares e caminhos da cidade só fazem sentido se referidos à práticas culturais específicas dos grupos.

Para elaboração da reportagem, foi observado o *pedaço* conhecido como Coreto Circular. A noção de *pedaço* é exposta no momento em que Magnani (2007) identifica o uso de um espaço como ambiente intermediário entre o público e o privado, que possui uma amplitude maior do que a dos laços familiares. Magnani (2007, p. 90) afirma que:

Cada espaço apropriado, mesmo que temporariamente, ganha papel central e fundamental para a manutenção do *pedaço* – a pessoa é do *pedaço* não somente por portar tais sinais e por agir de tal maneira, mas também por estar naquele lugar naquele momento. Por saber que é exatamente ali que deve estar.

O termo apropriado por Magnani (2007) pertencente ao próprio meio estudado, pode inclusive, designar uma concretude da vida urbana, um espaço geograficamente demarcado e determinado por uma rede de relações sociais íntimas, como parentesco e/ou amizade, o que reforça as práticas de sociabilidade e dá conotação de identidade local àquele determinado espaço. O *pedaço* se caracteriza por sua efemeridade, não se trata de um ponto fixo, mas um espaço que pode ser eleito segundo suas características para que determinado indivíduo ou grupo o ocupe (MAGNANI, 2002).

Partindo da análise de Magnani (2007), é dentro do *pedaço*, mas especificamente com relação a este enquanto ponto de encontro, que pode ser percebido que os frequentadores da Praça não precisam necessariamente se conhecer, mas se reconhecer como indivíduos que possuem os mesmos símbolos de representação de seus gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes. Tais sinais de semelhança podem ser identificados a partir da linguagem, estilo de roupa, comportamento e preferências musicais no *pedaço* a que pertencem. “Venham de onde vierem, o que buscam é um ponto de aglutinação para a construção e o fortalecimento de laços”, (MAGNANI, 2002, p. 22).

Segundo Magnani (2007) é no *pedaço* que se dá o encontro de iguais, neste espaço eles desenvolvem as atividades comuns ao seu grupo. Isto se dá, espacialmente, dentro do centro da cidade, através do sistema de apropriação, onde lugares que funcionam enquanto pontos de referência para um número mais diversificado de frequentadores



ganha novos significados. Por meio da utilização do espaço urbano reconfigurando aquela paisagem enquanto cenário da metrópole. O grupo nem sempre pode estar presente naquele *pedaço*, contudo sempre que estiver será reconhecido não apenas enquanto grupo, mas como parte integrante daquele espaço (MAGNANI, 2002).

A reflexão crítica e analítica de tudo que foi observado na Praça foi transcrita para um diário de campo, que foi utilizado mais tarde como fonte para produzir a reportagem. Entrevistas, conversas informais e abordagens rápidas foram essenciais para reflexão sobre a lógica que atrai os jovens para aquele espaço, assim como levantar questões importantes, como as novas formas de utilização do espaço público pelos jovens belenense no centro da cidade e a quebra, realizada pelo grupo homossexual, de paradigmas sociais pré-estabelecidos por uma sociedade heteronormativa.

Ocupados na compreensão das experiências vividas por estes indivíduos na Praça e a partir das nossas observações, percebemos que a vivência homossexual ocorrida ali é diversificada, na qual a identidade é fruto de aspectos sociais e comportamentais. Sobre identidades, podemos afirmar que a representação de identidade é condição fundamental para existência do *eu*. Visto que o reconhecimento do *eu* por meio das relações com o *outro* só é possível graças a instituições como família, escola e outros grupos sociais. É desta forma que seus projetos identificatórios, ou seja, processo de reconhecimento do *eu*, se liga diretamente a existência de uma identidade (DE PAULA, 2007). Percebemos que cada jovem que frequenta este *pedaço* soma aos demais sua trajetória individual, identidade construída a partir de sua família e história de vida. De Paula (2007) afirma que a identidade é um elemento primordial da realidade individual e que está relacionada com a sociedade, podendo ser mantida ou remodelada pelas relações sociais. Assim, a identidade do *eu* só pode ser formada se inserida num contexto grupal.

O exercício da alteridade foi fundamental durante a realização do trabalho e tal ação proporcionou estar no lugar do *outro*, visto que houve uma inserção no ambiente deles como observadores. Tentamos passar por simples transeuntes, a não ser no momento em que abordamos alguns frequentadores para entrevistas ou questionamentos mais informais. Frequentar a Praça periodicamente nos fez participantes do processo, visto que na desenvoltura da pesquisa fomos reconhecidos por eles enquanto integrantes do próprio grupo. Isto resultou em situações que contribuíram para nosso trabalho.



É compreensível que a produção textual da reportagem esteja repleta de nossas impressões pessoais enquanto observadores daquele espaço (trouxemos conosco, ainda que relutantes, o preconceito arraigado em nossas identidades devido ao sistema social do qual fazemos parte – patriarcal e heteronormativo), contudo nos detivemos em tentar traduzir para nossos relatos as muitas formas (aspectos visuais do grupo) e *vozes* (linguagem utilizada, seja ela corporal ou vocal) destes indivíduos que frequentam a Praça e integram aquela paisagem, que possui uma multiplicidade de agentes sociais, que mesmo com todas as diferenças convivem pacificamente no mesmo espaço.

A lógica urbana das práticas sociais e a observação de um determinado espaço de uso público na cidade transformaram a produção da reportagem em um verdadeiro ato etnográfico, já que a observação e a participação *in loco* da realidade do grupo estudado proporcionou analisar e descrever práticas sob a luz da antropologia urbana. Enquanto observadores e desenvolvendo um trabalho em que o sujeito é o próprio objeto, levantamos alguns questionamentos relevantes sobre investigação nas ciências humanas. O próprio método abordado, que inclui o pesquisador no trabalho e o faz participar intrinsecamente do processo reflexivo e avaliativo dos resultados obtidos foi ratificado durante a produção desta pesquisa.

É preciso se ater ao real projeto da antropologia, que segundo Peirano (1992) seria a formulação de uma ideia de humanidade projetada pelas diferenças, ressaltados pelo contraste dos nossos conceitos (teóricos ou de senso comum) com outros conceitos nativos. A relação entre prática de campo e teoria constitui o procedimento básico do conhecimento científico em geral. Na antropologia, esta relação assume uma dimensão mais forte porque nela a pesquisa tem como característica a pesquisa de campo, na qual se relacionam a vivência do próprio pesquisador e os conceitos analítico-teóricos estudados por eles (PEIRANO, 1992).

O cenário da vida urbana reproduzido na Praça é um recorte da realidade vivida pelos integrantes do grupo observado durante a pesquisa de campo. A apropriação deste espaço reitera o que já foi dito por DaMatta (1997) quando afirma que a sociedade brasileira é singularizada devido aos muitos espaços e eventuais temporalidades que convivem simultaneamente. Assim é neste espaço (Praça) que acontece a apropriação e reconhecimento de ambientes cotidianos desses indivíduos, no qual suas expectativas e ideais são refletidos nas relações sociais com os demais frequentadores. A escolha do



objeto se deu principalmente pela forma do uso do espaço público e pelas trocas que realizam com os outros grupos presentes na Praça da República. “Em vez de constituir um grupo exótico, isolado e confinado a algum gueto [...], eles têm, ao contrário, presença visível no cenário urbano e participação ativa em sua dinâmica”, afirma Magnani (2005, p. 179) á respeito de outro grupo estudado, os *straight edges*, “uma variante do movimento punk (com o qual ainda compartilham o estilo musical e algo do visual ‘agressivo’) [...] contrários ao consumo de drogas e álcool, e avessos à permissividade sexual e à homofobia” Magnani (2005, p. 179), mas que se aplica ao grupo aqui estudado.

Por meio da etnografia, podemos identificar diferentes comportamentos destes jovens no mesmo espaço público. A história, experiência *in loco* e as discussões a respeito da identidade e orientação sexual deste grupo trouxe para este trabalho a etnografia de rua como metodologia para apresentação do objeto por meio da observação realizada ao longo de nove meses. Sobre o método etnográfico aqui adotado (ROCHA; ECKERT, 2003, p. 3) afirmam:

A etnografia consiste em descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de técnicas como observação e conversações, desenvolvidas no contexto de uma pesquisa. Interagindo-se com o Outro, olha-se, isto é, "ordena-se o visível, organiza-se a experiência" conforme propõe Régis Debray. O etnógrafo descreve, tradicionalmente em diários, relatos ou notas de campo, seus pensamentos ao agir no tempo e espaço histórico do Outro-observado, delineando as formas que revestem a vida coletiva no meio urbano.

Esta delimitação da vida coletiva no meio urbano possibilitou questionamentos sobre o cotidiano dos atores sociais participantes do processo etnográfico aqui descrito. Através do método escolhido realizamos um diálogo com aqueles jovens nos locais de sociabilidade, onde por meio da experiência em questão, reconhecemos o caráter dispare daquele ambiente. A compreensão do que acontece naquele ambiente implica em uma forma de apropriação dinâmica do cotidiano daqueles indivíduos, cuja transcrição da experiência é feita pela frequência sistemática dos etnógrafos no local. Neste sentido, a etnografia aqui adotada consiste na descrição dos cenários, dos personagens que moldam a rotina dominical da Praça, do inesperado, dos conflitos,



situações inusitadas, perigosas e eróticas, das entrevistas com *habitués*³, frequentadores fixos, ou simples passantes, buscando as significações sobre o *estar* sempre aos domingos na Praça.

O grupo dos jovens homossexuais que frequenta o Coreto Circular da Praça não constitui uma estrutura fixa, e em sua maioria são passantes, contudo percebemos que em média cerca de trinta pessoas têm participação efetiva naquele espaço. Eles estão presentes na maioria dos dias em que estivemos observando o grupo. Para compreendermos ainda melhor acompanhamos a rotina de cinco integrantes durante alguns domingos seguidos. Aqui vamos nos referir a estes cinco garotos pelos nomes fictícios: Andre, 17 anos, Marco, 16 anos, Wellington, 17 anos, Eduardo e Anderson, ambos com 18 anos. Este recorte nos possibilitou adentrar no mundo desses jovens e obter informações relevantes sobre o grupo. Durante as entrevistas realizadas obtivemos os seguintes dados: todos eles frequentam a escola pública, são das camadas populares da sociedade, em sua maioria os pais não sabem de sua orientação sexual e frequentam a praça a mais de dois anos.

O que compreendemos é que estes garotos assumem, na *rua*, características que deveriam, segundo as normas sociais estabelecidas, ser realizadas no ambiente privado, da *casa*. Contudo, a não aceitação de sua orientação sexual pelos pais ou o medo de rejeição fazem com que estas modalidades sejam invertidas. Na *rua* são realizadas determinadas ações não permitidas no ambiente compreendido como *casa*, o que ratifica a oposição entre indivíduo e pessoa apresentada por DaMatta (1997) e que indica os espaços privilegiados onde cada uma dessas modalidades de relações sociais se realizariam. A sociedade, por sua vez, reagiria ao comportamento do indivíduo conforme aquilo que lhe fosse apresentado. O público e o privado seriam, portanto um dilema brasileiro, representado aqui pelo preconceito, não aceitação ou fuga das normas patriarcais pré-estabelecidas pela própria sociedade. Para DaMatta (1997), no Brasil, a *casa* e a *rua* não representam apenas espaços geográficos, mas são acima de tudo entidades morais, esferas de ação social. Assim, supõe-se que um garoto que pode seguir em família todas as regras e normas estabelecidas para um sujeito heterossexual,

³ Segundo Dicionário web *habitués* são compreendidos como indivíduos com práticas rotineiras, costumes, dentro da discussão etnográfica aqui levantada é dirigido aos jovens que não fazem parte do grupo estudado, são conhecidos pelos integrantes do grupo, mas não são fixos (sempre presentes).



quando vai para o mundo da *rua* pode se transformar em um homossexual caricato e afeminado.

Através dos relatos de alguns jovens pudemos perceber certa fragilidade emocional nas relações com a família e ainda com indivíduos que fazem parte da *rua*. À oposição entre a *casa* e a *rua* correspondem, por sua vez, “papéis sociais, ideologias e valores, ações e objetos específicos, alguns inventados especialmente para aquela região no mundo social” (DAMATTA, 1997, p. 74-75). Nesse sentido, as manifestações aqui analisadas podem ser compreendidas a partir dessa oposição *casa/rua* e se distinguem entre si na forma e modo específico de lidar com esse antagonismo.

Na Praça da República, domingo à noite, dezenas de jovens se aglomeram em torno dos principais monumentos e espaços existentes ali. Ao mapearmos visualmente o local, percebemos a divisão dela por grupos. É claro que hora ou outra os membros de determinado grupo perpassa o outro sem que ocorram grandes conflitos, porém, é perceptível que procuram manter certo grau de distanciamento.

Eles chegam de todas as partes. Em sua grande maioria oriunda da periferia da Região Metropolitana de Belém. Constatamos isso ao entrevistarmos alguns jovens que declaravam conhecer a maioria das pessoas que frequentavam o Coreto Circular. Os vestuários vão do mais gótico ao mais colorido. Em uma de nossas idas à Praça percebemos que o entorno do Coreto Circular é identificado por eles como uma zona de conforto, visto que é o ambiente coberto que está mais próximo do posto da Guarda Municipal de Belém, que se encarrega da segurança na Praça da República.

Habitués, frequentadores, ou simples passantes, todos nos convidam a observar essa pluralidade e diversidade comportamental que se apresenta, assim pudemos descrever ações, estilos de vida, enfim perfilar os personagens através das ações dominicais ali realizadas, sempre com dia certo e horários de início e fim. Nas conversas e cenas presenciadas, pudemos transcorrer sobre histórias de vida, hábitos incansáveis, realidades doloridas e outras bem felizes, assim como outras peculiaridades desse público. A partir deles, contornamos o ambiente das significações que perturbam ou confortam estes jovens.



A partir de todas as observações aqui citadas, partimos para o processo de produção da reportagem. Para ela tentamos trazer nossas impressões, se utilizando dos conceitos antropológicos utilizados para produzir a pesquisa de campo e dos conhecimentos jornalísticos adquiridos durante a graduação e experiências profissionais.

AS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS NO HORIZONTE DA LITERATURA

A produção de uma reportagem perpassar por diferentes processos. A reportagem é um gênero jornalístico em que ocorre predominância da narração dos fatos, buscando a origem, personagens humanizados e desdobramentos dos acontecimentos. A escolha do jornalismo literário como gênero para expor os acontecimentos e perfilar os personagens encontrados durante a pesquisa se deu, principalmente, devido aproximação dos autores com os fatos a serem relatados. Para Pena (2007), este gênero não apenas rompe com os padrões estabelecidos pelas redações (prazos curtos, pressão dos editores, várias pautas a serem fechadas etc.). Mas, surge, também, para potencializar os recursos do jornalismo, se aprofundar nos acontecimentos cotidianos. Podemos utilizar como exemplo grandes livros reportagens produzidos por jornalistas que trouxeram para seus textos experiências tão íntimas, com uma descrição tão fiel aos fatos que um acontecimento corriqueiro, que poderia sair em qualquer página policial de jornal e cair no esquecimento, se transformaram em enredos para obras primas da literatura não ficcional ou jornalística, como a obra *À Sangue Frio*, do jornalista Truman Capote, que inclusive resultou em um produção cinematográfica.

Segundo Pena (2007), o jornalismo literário não despreza os conceitos jornalísticos básicos, como: pirâmide invertida, lide, *dead line*, apuração rigorosa, a observação, ética e a capacidade de se expressar claramente, por exemplo. E sim, se aproveita das técnicas narrativas que instigam o leitor há anos. Contudo, o jornalismo literário assume outra função, que é a de desenvolvê-las, constituindo assim novas estratégias profissionais.

O jornalismo literário pode se apropriar da antropologia e seus métodos de observação para construir sua narrativa? Após todo processo de observação *in loco* e produção da reportagem, percebemos que as ferramentas da antropologia enriqueceram a narrativa jornalística.



As discussões acerca da etnografia urbana nos mostraram que a observação do grupo estudado deveria ser feita a partir de uma aproximação. O que de fato é o propulsor do trabalho jornalístico.

Por fim, entendemos que a melhor forma de traduzir os estudos etnográficos e aproximá-los da comunicação, seria transformar todo este processo de observação e análise em uma reportagem. Para nós o mais importante não foi a descoberta destes conceitos, mas poder aplicá-los a um estudo que nos proporcionou conhecer histórias de vida, hábitos e cotidianos que transformam a Praça da República em um espaço libertário e agregador de diferentes identidades, e principalmente aplica-los à um produto jornalístico. Temos a consciência da urgência de estudos sobre a homossexualidade e a contribuição dos sujeitos homossexuais que reconfiguram certos espaços, especialmente as interferências das ações destes indivíduos de forma tão sólida na paisagem urbana e entendemos que este estudo pode ter desdobramentos no campo da comunicação e da antropologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar sob a luz da etnografia para produzir uma reportagem nos ajudou a compreender a dinâmica social que se dá no crepúsculo dominical na Praça da República, especificamente no que se refere ao grupo homossexual que se reuni no Coreto Circular. Passamos a compreender estes indivíduos enquanto seres transformadores da paisagem urbana de Belém. Estes jovens homossexuais atribuem à Praça novos significados, transferem para aquele ambiente um sentimento de liberdade oriundo das lutas históricas travadas por homossexuais a décadas. A Praça, então, assume novas formas de utilização, torna-se um espaço para práticas de relações afetivas e para ações que transgridem o aspecto normativo atribuído a um local de uso público localizado no centro de uma metrópole.

Nesse espaço do centro da cidade (a Praça), para onde se deslocam pessoas de diversos bairros da Região Metropolitana de Belém, estes jovens nem sempre se conhecem, porém se reconhecem como portadores de certos símbolos, e até mesmo um linguajar próprio, seguido de gírias e atitudes comuns aos seus iguais. Ao traçarmos um panorama das categorias a *casa* e a *rua* impostas por DaMatta (1997) notamos um espaço mediados onde estão outras redes de sociabilidade como colegas e alguns “chegados”, com relações diferentes daquelas apontadas por DaMatta e que estaria



intrinsecamente ligadas à *casa* e *rua*. Partindo dessas reflexões Magnani sugeriu uma categoria o *pedaço*, identificado por nós como a categoria que mais se aproxima da realidade encontrada no Coreto Circular, na Praça da República.

REFERÊNCIAS

CASTAÑEDAS, Marina. **A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas**. São Paulo: A Girafa, 2007.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DE PAULA, Paulo Sergio Rodrigues. *Identidade homossexual: questão de gênero?* Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/revistadiscenciapesquisa/docs/PaulaPSR_2.pdf>. Acesso em: 14 out 2010.

Habitués. Dicionárioweb: <<http://www.dicionarioweb.com.br/habitu%C3%A9s.html>> Acesso em: 30 set. 2010.

LAPLANTINE, François. *O estudo do homem em sua diversidade*. In:_____. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. De perto e de dentro: notas de uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.17, n 49, p. 11-29. fev. 2002.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, São Paulo, v.17, n.2, p.173-205, nov. 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese (orgs). **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

PEIRANO, Mariza Gomes e S. *A Favor da Etnografia*, 1992. Republicado em Anuário Antropológico/92, pp. 197-223. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. Republicado em Alenjandro Grimson, Gustavo Lins Ribeiro e Pablo Semán (Orgs.) *La Antropologia Brasileña Contemporánea. Contribuciones para un diálogo latino-americano*, Buenos Aires: Prometeo Libros, 2004. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie130empdf.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2010.

PENA, Felipe. *O jornalismo literário como gênero e conceito*. *Contracampo*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 43-58. 2007. Disponível em: <<http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. **Iluminuras**, v. 4, n. 7, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/issue/view/773>>. Acesso em: 30 set. 2010.

À sombra das mangueiras

Durante o crepúsculo dominical jovens se reúnem no Coreto Circular da Praça da República, em Belém, para práticas homoafetivas

Por: *Elias Santos*

Colaboração: *Jéssica Silva e Leandro Oliveira*

O fim de tarde em Belém do Pará acontece mais ou menos a partir das dezoito horas. Depois deste horário, um crepúsculo alaranjado baixa sobre as mangueiras verdes e imponentes da cidade, dando um contraste incrível com o ambiente deixado pela tradicional chuva vespertina belemense. Esse ritual diário faz parte da rotina que só uma metrópole amazônica poderia proporcionar. É neste cenário que se destaca uma das mais belas praças da capital paraense, a Praça da República. O crepúsculo visto da Praça é um dos mais belos do Estado.

Durante o anoitecer pode ser encontrado um grupo de jovens homossexuais, que tornam o fim de tarde naquele espaço um cenário colorido, diversificado e por vezes erótico. Entre estes jovens encontrei alguns com histórias instigante. São relatos da vida de pessoas que frequentam o local todos os domingos, verdadeiros perfis dignos de serem descritos pelo serendipitoso Truman Capote.

É na Praça da República, espaço que ganha vida com suas exuberantes formas arquitetônicas e seu extenso túnel de mangueiras, um local dedicado ao passeio nos domingos, café-da-manhã nas barraquinhas de guloseimas, artesanato regional e diversão, que este grupo de homossexuais reinventa o modo de utilização do espaço público para se relacionar com seus iguais. Observado pela sombra do suntuoso Theatro da Paz e pelo não tão chique Bar do Parque, acontece o encontro destas pessoas, tido por muitos como sujo e imoral. O local específico para este evento é o Coreto Circular, arquitetura toda em alvenaria, planta redonda e traços que imitam o estilo greco-romano, adotando um

ar romântico. Este espaço está localizado às margens da Avenida Assis de Vasconcelos, é o lugar coberto mais próximo do posto da Guarda Municipal de Belém. Esta reunião dominical de jovens propõe novas significações a este ambiente urbano no coração da metrópole.

No início da noite, na Praça da República, moradores de rua dormem em volta dos coretos, visivelmente embriagados, outros caminham desorientados, insanos. E pelos caminhos do lugar, jovens circulam em pequenos grupos, alguns buscam sexo. Eles

“Nos outros dias da semana trago minha cadela para passear e não vejo esse tipo de ‘coisa’. Aos domingos, a ‘coisa’ é mais explícita. Tem homem beijando homem, mulher beijando mulher”

Cláudia, usuária da Praça.

chegam de todas as partes. Em sua grande maioria oriunda da periferia da Região Metropolitana de Belém. O maior número de homossexuais é encontrado no Coreto Circular. É nele que acontecem as práticas livres da homoafetividade, troca de carícias entre iguais em locais públicos, sem que estes sejam perturbados, nem pelo poder público, nem por cidadãos preconceituosos. Durante a noite, no Brasil e em outras partes do mundo, o cenário montado nas praças e parques urbanos é muito parecido. Com o passar dos anos, os parques e praças passaram a se transformar em locais onde se podia fazer aquilo que a sociedade preferia não ver. No entanto, os frequentadores noturnos muitas

vezes não conseguem se esconder do julgamento. Hoje, nem mesmo o temor pela violência inibe os frequentadores da Praça de cumprirem seu ritual dominical. O número de homossexuais que passa por ali é grande e segundo a própria Guarda Municipal continua aumentando.

A Praça, local que há séculos não perde a característica de ponto de encontro e visibilidade fazendo parte das dinâmicas sociais da capital paraense, ganha especialmente aos domingos públicos díspares que se organizam em diversos horários. Pela manhã, podem ser encontradas famílias, pela tarde, grupos distintos em busca de passeio, manifestações regionais e uma boa conversa, no crepúsculo, jovens que essencialmente se dividem em redes de sociabilidade díspares, uns mais influenciados pela música, outros pela moda, alguns pela curiosidade e outros pela convivência homossexual. Eles partem de uma identidade homossexual para um encontro dominical noturno e estão ali para interagir com seus pares, para fins sexuais ou não.

Estes jovens assumem, na rua, características que deveriam, segundo as normas sociais estabelecidas, ser realizadas no ambiente privado, da casa. Contudo, a não aceitação de sua orientação sexual pelos pais ou o medo de rejeição fazem com que estas modalidades sejam invertidas. Na rua são realizadas determinadas ações não permitidas no ambiente compreendido como casa. Assim, supõe-se que um garoto que pode seguir em família todas as regras e normas estabelecidas para um sujeito heterossexual, quando vai para a rua pode se transformar em um homossexual caricato e afeminado. Assim, a sociedade, por sua vez,

reage ao comportamento destes indivíduos conforme aquilo que lhes é apresentado. Para uma sociedade que possui o patriarcalismo como raiz de sua construção histórica como é caso do Brasil, podemos perceber a reação da sociedade negativamente através da homofobia.

“Diferentes” foi assim que Cláudia Albuquerque, 42 anos, classificou os jovens que frequentam a Praça. Esta senhora mora em um prédio que fica no entorno da Praça da República, na Rua Osvaldo Cruz. Cláudia sai todas as tardes para passear com seu cachorro na Praça, segundo ela as demonstrações de afeto entre pessoas do mesmo sexo são mais frequentes durante o domingo. “Nos outros dias da semana levo minha cadela para passear e não vejo esse tipo de ‘coisa’. Tudo bem que vez ou outra percebo que tem duas garotas, ou dois garotos conversando mais intimamente, mas eles não se beijam ou qualquer coisa parecida. Aos domingos, a ‘coisa’ é mais explícita. Tem homem beijando homem, mulher beijando mulher. É como se isso aqui fosse uma extensão da casa deles. Não me importo nenhum pouco. Mas, que é estranho, isso é”.

Cláudia chamou atenção em meio aquela paisagem por se mostrar indiferente a tudo que ali acontecia, mas essa indiferença não significa aceitação. Quando perguntada se preferia que eles não estivessem ali ela responde: “claro que se eu pudesse chamaria a polícia para tirá-los daqui agora, eles enfeiam a Praça e a tornam lugar de promiscuidade, mas a polícia não iria fazer isso. Afinal, é um espaço público. E outra, ser gay hoje em dia virou até modinha. Meus filhos que não inventem isso. Encho de porrada se isso acontecer” afirmou. O discurso de Cláudia não é muito diferente daqueles introduzidos em muitos lares brasileiros.

Outros indivíduos que possuem um contato mais próximo com o grupo de jovens homossexuais demonstraram certo repúdio em relação aos seus comportamentos. Alex Vieira, de 23 anos, trabalha em uma lanchonete e pizzaria que está localizada na Avenida Assis de Vasconcelos, na calçada

do estabelecimento está a parada de ônibus, onde grande parte das pessoas que frequentam a Praça costumam pegar condução. Durante curto diálogo ele expressou toda sua raiva em relação a eles. “Não tenho nada contra, contanto que não meçam comigo”, em seguida entra em contradição afirmando: “tenho nojo de ver eles se beijando, isso pra mim é doença, não pode ser normal”. Este pensamento é fruto do processo de construção social pelo qual passaram Alex e Cláudia, gerações tão distantes que ainda nutrem o mesmo sentimento de repulsa em relação ao comportamento homossexual.

Seis horas da noite do domingo do dia 19 de junho:

Os homens são claramente a maioria. Alguns estão sentados na grama, uns bebem e outros passeiam. O Coreto Circular está tão oficializado como

“Quando estou na Praça sinto como se o mundo pudesse ser diferente. Aqui todos são iguais e você pode fazer o que quiser que não vão te recriminar”. Anderson, frequentador da praça.

ambiente gay aos domingos que as bancas que geralmente vendem cigarros, bombons e guloseimas, possuem hoje em dia preservativos em seu estoque, para comercializá-los nas proximidades do Coreto. Uma destas barracas é a de Francisco Neves, de 52 anos. O vendedor está na Praça a 25 anos e conta sobre as transformações do lugar. “Antigamente, aqui era mais frequentado por casais de namorados, homens e mulheres. Os gays começaram a vir no final da década de 80. Mas ainda vem o pessoal que não é. Às vezes por curiosidade, outras para aproveitar mesmo”.

Cenário para o romantismo e afeto entre iguais - Desabava uma chuva noturna daquelas que fazem a alegria do paraense quando Carlos Henrique, de 17 anos, conheceu Anderson Araújo, de 19. Foi no Coreto Circular que se deu o primeiro con-

tato. Foram espremidos pela grande concentração de pessoas que procuravam se abrigar da forte chuva no local que os rapazes trocaram as primeiras palavras. O frio e o aguaceiro nortearam o assunto. “Sempre venho aqui e nunca te vi”, disse Anderson para o garoto que acabara de conhecer. “Não costume vir sempre à Praça. E logo hoje que resolvi sai de casa meu amigo me dá um bolo”, afirmou Carlos. Os dois sorriram e a conversa fluiu por longas horas. Com o cessar da chuva, os rapazes procuraram um lugar mais reservado para conversar.

Anderson é daqueles jovens que podem enfrentar o mundo caso seja preciso. Revelou para seus pais que é homossexual aos 14 anos, começou a trabalhar como estoquista de um supermercado aos 15 e aos 17 resolveu que iria dividir um apartamento com um amigo. Os planos não funcionaram como havia premeditado. Teve que voltar para casa aos 19 e a relação com os pais só piorou. “Eles nunca aceitaram minha opção. Sei que deve ser difícil para eles entenderem, mas eu só queria que eles me amassem, se isso fosse verdade não me tratariam como um anormal, um doente. Meu pai pouco fala comigo e minha mãe só me trata mal” falou com os olhos lacrimejando. Não se deu por vencido. Continuou trabalhando e fez amigos que o apresentaram um lugar onde, segundo ele, pode sentir o gosto da liberdade. “Quando estou na Praça sinto como se o mundo pudesse ser diferente. Aqui todos são iguais e você pode fazer o que quiser que não vão te recriminar. Desde que isso não agrida ninguém”.

Anderson pediu Carlos em namoro logo no dia que se conheceram. Isso é comum entre homossexuais adolescentes. A dificuldade para se relacionar e o medo de serem descobertos fazem com que muitos destes jovens se apeguem a relacionamentos com pessoas da mesma idade. Para Carlos e Anderson a Praça é um palco para o romance, história esta em que ambos são os protagonistas.

Carlos nem sempre se sentiu a vontade em abraçar outros garotos em público. Foi depois de conhecer Anderson que perdeu totalmente a timidez, até anda

de mãos dadas com o namorado pela Praça da República. “É claro que faço isso somente aqui, você já viu o tanto de gente que também faz isso. Olha lá aquelas duas garotas!” disparou Carlos. Passaram-se 02 anos desde que se conheceram e ele ainda vê o mesmo encanto naquele ambiente. “Não sei se é por causa do Anderson, ou pelos amigos que fiz aqui. Mas todos os domingos a sensação que tenho é como se tudo pudesse ser diferente e realmente valesse a pena tentar” declarou Carlos.

Aos 15 anos Carlos se descobriu homossexual. A descoberta foi confusa e inesperada. Um primo distante veio do interior para dormir na casa dele. Era a segunda vez que se encontravam. A primeira, aos 10 anos, não havia deixado nenhuma lembrança, eles se quer haviam trocado duas palavras. Como não tinha onde dormir, o primo foi hospedado no quarto de Carlos. “Fico pensando nisso hoje, será que se ele não tivesse feito aquilo eu estaria nesta vida” disse Carlos em tom descontraindo. Ao cair da noite os dois foram dormir. Sonolento, Carlos sentiu a mão do primo a percorrer seu corpo, aquilo o deixou excitado. “Pensei que era normal, afinal era uma mão, podia ser uma mulher”, mas não era. O que aconteceu naquela noite modificou toda a vida do rapaz que desde então não procurou nenhuma garota para se relacionar.

Universo homossexual no centro de Belém - Foi um tempo considerável observando a Praça, domingos inesquecíveis, não somente por uma realização pessoal, mas por se tratar de uma experiência do outro, algo fora da minha realidade. Em muitos momentos fui reconhecido por eles como mais um passante, em outros fazia parte do convívio deles, um frequentador. Tornei-me temporariamente parte daquela paisagem dominical que combina tanto com aqueles garotos que hoje considero inconcebível a idéia de não encontrá-los ali, é quase impossível hoje passar pelas redondezas e imaginar a ausência de tal público. Falo aqui de jovens que ocupam e ressignificam a metrópole, os espaços urbanos, em dias e horá-

rios determinados. São estes jovens homossexuais quem ajudam a atribuir uma nova paisagem aquele cenário, e fazem com que a dinâmica urbana seja reconfigurada.

Eles chegam de todas as partes. Em sua grande maioria oriunda da periferia da Região Metropolitana de Belém. Os vestuários vão do mais gótico ao mais colorido. O entorno do Coreto Circular é identificado por eles como uma zona de conforto, visto que é o ambiente coberto que está mais próximo do posto da Guarda Municipal de Belém, que se encarrega da segurança na Praça da República. A sensação de proteção existe, mas não significa realmente que estão protegidos.

Em geral por volta das 19h50min, guardas municipais chegam aos principais coretos do local para dispersar aqueles jovens que aparentemente seriam menores de idade. Segundo o guarda municipal Diego Andrade, 28 anos, eles são encarregados pela segurança da Praça e esta atitude seria uma medida preventiva, para coibir a presença de menores no local, assim como protegê-los e encaminhá-los para suas casas.

Num domingo desses, quente e agitado, encontrei Marco Nascimento, um adolescente de 17 anos que passeava pelas passarelas que possibilitam o trânsito na Praça. Não demorou muito ele se aproximou e se apresentou. Eu estava sentado em um banco de madeira que fica em frente ao Coreto Circular. Marco não sabia que eu estava ali observando o movimento dos jovens para escrever uma reportagem sobre circuitos juvenis, por isso, e por aparentar ser mais jovem do que sou, o rapaz pensou se tratar de mais um transeunte que estava a procura de “algo mais”. A abordagem feita por ele foi sutil. Perguntou meu nome e comentou que já havia me visto por ali. A conversa que tivemos ao longo da noite me fez viajar por um mundo onde a alegria, amizade, casa, rua, diversão, álcool e sexo, transformam o cotidiano de jovens e adolescentes gays que não se escondem da sociedade nem temem repressões por suas orientações sexuais.

A forma sutil com que Marco me abor-

dei foi com tanta delicadeza quanto a que outro rapaz, de nome Eduardo, se apresentou a mim em outro domingo: - Oi, Tudo bem? Tu curtes? Devido à vivência e observação de outros domingos, sabia o que significava a expressão. Curtir é o modo que os homossexuais que frequentam a Praça usam para perguntar sobre a sexualidade de alguém. “Sim, curto!”, respondi. Retruquei a pergunta do garoto com esta afirmativa, pois estava interessado em saber mais sobre aquele mundo. Várias perguntas me atormentavam durante as idas à Praça. “Quem são estes jovens que frequentam este lugar? Quais suas verdadeiras idades? Como é a relação deles com seu núcleo familiar? Eles estudam? Quais os motivos que os levaram à se submeterem a tamanha exposição?” estas eram apenas algumas das indagações que tentaram ser respondidas ao aceitar o convite de Eduardo para conversar.

Eduardo aparentava ter no máximo uns 13 anos, mas o garoto poderia jurar de pés juntos que tinha 16. Desconcertado, informo logo a quem veio, e nesse caso para quem veio. Descobri que ele estava ali a pedido de um amigo, estava “fazendo os papos”, é como eles chamam o ato de um amigo intermediar um possível encontro. Aceitei conversar com o amigo de Eduardo, mesmo sem saber de quem se trata. Para minha surpresa, o rapaz aparentava ser ainda mais novo que Eduardo: pernas finas, corpo magro, cabelos lisos; trajava bermuda e tênis All Star de cano alto. “Típico!”, pensei. No olhar dele um temor explícito por estar ali, naquela situação. A vontade imensa de conhecer outra pessoa e quem sabe ter qualquer tipo de relação estava clara em sua voz e no modo como agia. Fui sincero logo que o garoto se aproximou, não sem antes perguntar seu nome. “Prazer, meu nome é Wellington”, disparou o rapaz. Expliquei que estava ali à trabalho, observando os jovens para produzir uma reportagem. “Você é jornalista? Que legal!”, bradou surpreso. Depois de algumas investidas o rapaz reconheceu que o principal interesse na conversa era levantar mais informações sobre

aquele universo gay. Com o semblante claramente chateado, se despediu e foi embora sem muitas explicações.

Voltei a reencontrar Wellington, dessa vez em uma situação que chocou. O rapaz andava pela Praça quando se encostou a uma das estruturas rochosas que estão localizadas em uma parte escura. O olhar de Wellington se cruzou com o de outro homem, mais velho que ele com toda certeza. O homem percebeu a investida do garoto, diminuiu os passos e olhou para trás, percebeu que Wellington continuava olhando, dessa vez fazendo movimentos com a cabeça que sinalizavam para uma direção ainda mais soturna. Wellington foi na frente, o homem o seguiu. Encontraram-se, trocaram algumas palavras e foram embora, juntos.

Andanças pela praça nos fizeram ouvir um vocabulário muito peculiar, como o da frase em destaque, extraída do grito de um adolescente contra outro que roubou sua bebida. Bebida alcoólica é otí, aloca é uma expressão que remete a algo fora do comum. Desaquender pode ser interpretado como o ato de deixar de realizar algo que está se fazendo. Esta associações de gírias e palavras de outras línguas nos remete a uma subversão de associações, a partir do momento em que se deixa a língua-pátria para aderir a gíria, e naturalizar esta forma linguística nas interações com os seus iguais. O fato é que, de alguma forma, a união entre um grupo de pessoas qualquer perpassa por visões de mundo semelhantes, e a forma como estes indivíduos utilizam a linguagem para isso é determinante. As palavras são um meio de sistematizar e expressar sentimentos de importância fundamental na manutenção da coesão do grupo. No caso dos jovens homossexuais que utilizam a Praça da República, a base para o vocabulário é o que conhecemos como bajubá (pajubá), a língua africana comum que os negros traficados como escravos para o Brasil colonial/imperialista encontraram para se comunicar. Formado basicamente pelas línguas de origem Nagô e pelo Iorubá, o Pajubá é um dialeto relativamente simples. Como seus praticantes não pretendiam produzir

alta literatura, possui caráter muito mais nominativo. Sem muito registro escrito, o pajubá permaneceu vivo até os dias de hoje graças ao candomblé, religião esta que é aceita por grande parte dos homossexuais, já que é uma das poucas no mundo que aceitam a homossexualidade e o travestismo como algo natural e intrínseco do ser humano. Na condição de respeitados, os homossexuais e especialmente os travestis passaram a utilizar o pajubá como linguajar próprio, no dia-a-dia. Com o passar do tempo esta linguagem passou a ser incorporada por outros grupos homossexuais, sofrendo naturalmente uma série de modificações. Os verbos, por exemplo, passaram a flexionar e a serem conjugados como os do português, mantendo apenas seu radical intacto, como, por exemplo, aqüendar, do original infinitivo akuein, “prestar atenção”: eu aqüendo/eu aqüendei, ele aqüenda/ele aqüendou. Da mesma

“A loca, viado. De- volve meu otí, bora! Desaquenda!”

forma, sufixos e prefixos da língua portuguesa foram incorporados a esses verbos. Importante ressaltar que em grupos onde a necessidade do uso do pajubá não é tão grande como entre os transgêneros, a língua aparece mais como um acessório lingüístico do que como um dialeto em si. O pajubá, para grupos homossexuais, e especificamente para os freqüentadores da praça, é mais utilizada para manter uma identidade cultural e comunicativa do que qualquer outra coisa. Todo domingo o fim de tarde na Praça da República é assim. Para alguns, traz de volta imagens e momentos de suas vidas. Trata-se do resgate de alegrias, tristezas, pedaços da história de cada um desses jovens homossexuais. Para alguns deles o crepúsculo representa um momento simplesmente mágico em que se misturam o ontem, o agora e o amanhã. Ali, as identidades estabelecidas pela história individual são

compartilhadas com os seus, fazendo parte de uma experiência única, muitas vezes sagrada.

Praça da República: cultura e sociedade - Palco de diversificadas manifestações culturais, a Praça da República vêm testemunhando as modificações sociais ocorridas na cidade ao longo dos séculos. Localizada no centro da cidade de Belém, a Praça foi no século XVIII um imenso terreno descampado que ligava o bairro da Campina à estrada que conduzia a ermida (capela que abrigava a imagem) de Nossa Senhora de Nazaré, hoje Basílica Santuário de Nazaré. Pouco tempo depois foi elevado no local um armazém para estocagem de pólvora, nesse período ficou conhecida como Largo da Pólvora. Segundo pesquisadores, no local foi erguida uma forca, porém não há registros que comprovem enforcamentos, sabe-se apenas que eram sepultados escravos e pobres, em sua maioria vítimas da varíola.

A primeira tentativa de urbanização da Praça foi realizada durante a regência do Intendente de Belém Arthur Índio do Brasil, em 1801. Ele foi responsável pelo calçamento das avenidas, arborização, implantação de bancos e chafarizes. Na metade do século XVIII o depósito de pólvora foi removido e o largo passou a se chamar Praça Dom Pedro II, em homenagem ao último imperador do período monárquico. No século XIX foi erguido o Theatro de Nossa Senhora da Paz, inaugurado em 1878, hoje denominado Theatro da Paz.

Deve-se ainda ao Barão de Marajó, Silva Rosado e principalmente a Antônio Lemos a arquitetura que a Praça ostenta hoje. Foi Lemos quem deu a Praça novos monumentos, coretos e modificou até a pavimentação das ruas, além de um novo aspecto paisagístico.

A Praça da república comemora aniversário em 15 de novembro, em virtude da edificação de um monumento representativo na então Praça Dom Pedro II, em 1889. O monumento à República representa o ideal do republicanismo na Amazônia e deu ares europeu a capital paraense.